

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III.

Domingo 12 de Outubro de 1856.

N. 7.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Os Srs. assignantes, que tiverem algumas reclamações a fazer, terão a bondade de se dirigirem á rua do Rosario n. 129, sobrado, e bem assim aquelles, a quem faltar folhas do 2. semestre, podem procurar no lugar supramencionado.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

VII.

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VIII.

As noticias d'estas repetidas revoltas chegaram a Roma, cujo governo vacillou por algum tempo. Tinha empregado até ali esforços sem conta para subjugar os Lusitanos, a resistencia tornavam-se cada vez mais poderosa, era mister debelal-os apezar de tudo. Para isso se destinou o Pretor Marco Vetilio, homem de singular prudencia o qual chegou á Hespanha em principios do anno 148 antes de Christo.

Os Lusitanos preparavam-se para atacar, o Pretor foi informado de que elles tentavam entrar em Andaluzia logo que chegasse a primavera.

Assim aconteceu; nos primeiros dias de Março sahiram da Lusitania dez mil homens de guerra em companhia de Viriato, o qual senão animara ainda a tomar o titulo de capitão com que o tinham mimoseado. Atrevessaram o Guadiana, e penetrando nas terras dos Andaluzes começaram

a destruir tudo com um furor inaudito. Pesava muito a Viriato esta maneira de combater, mas modesto e simples como era o heroe Lusitano não queria chamar seus companheiros a meliores sentimentos. O Pretor soube desta destruição. Conheceu que soldados que se apresentavam d'este modo podiam ser debellados com promptidão. Sahio pois ao seu encontro com dez mil Romanos, os quaes conseguiram sem muito custo a victoria. Viriato porém acudiu com a melhor gente, e pode recolher-se a uma cidade fortificada. Aqui o inimigo perdeu muita gente, o Pretor reconheceu que nada fazia, com este meio de ataque, e dispoz-se a sitiá a cidade de tal modo que os Lusitanos cedessem por fim á fome. Com effeito as medidas foram tão sabiamente tomadas, que elles consideraram-se perdidos! Não esperando auxilio algum resolveram mandar embaixadores ao Pretor, para que consentisse em deixal-os sahir com algumas condições, entre as quaes elles promettiam recolher-se á Lusitania pacificamente.

Este expediente exaltou por tal forma o animo de Viriato, achava tão vergonhosa a acção de seus companheiros que lhes fallou nestes termos: « Que ira dos deuses foi esta oh! Lusitanos! Quereis, cegos imprudentes, perder o nome de bravos, quereis perder tantos mezes de esforços e de trabalhos? E' por acaso remoto o tempo em que vistes os valles da Lusitania regados com o sangue de vossos paes e irmãos?! Não tendes presente a mais nefanda das traições que é possível commetter-se entre gente humana? Quereis ir entregar-vos aos Romanos, e não sabeis que podem reproduzir-se as scenas de desolação que testemunhei comvosco?! Tende sempre em vista a inconstancia de Galba, a falsidade de Lucullo, que ousou estender a dextra sobre os altares dos deuses, invocando seus sagrados nomes em testemunho da palavra que dera aos Hespanhoes na sua provincia, e que por fim não observou. Estes e outros males devem servir-vos de exemplo. Se acreditaes na brandura de Vetilio, temo um futuro desastroso para vós. Coragein pois; e fiaevos em mim. Obrigo-me, e a fé dos deuses o juro, a encaminhar-vos sem perigo para um lugar seguro, onde os Romanos não ousaram chegar ».

Os soldados cederam de prompto, e era tal a confiança que tinham em Viriato que o obrigaram a tomar o título de capitão geral da Lusitana. No seguinte dia preparou-se tudo para o fim a que Viriato se propunha. Mandou armar todos os Lusitanos, e fez sahir a cavallaria que tinha, a qual passava de mil cavallos. Viriato ordenou-os em batalha, e collocando-se á sua frente fingiu querer atacar os Romanos, que de sua parte esperavam prevenidos. Isto nada mais era que uma estratégia de guerra; e desta forma puderam sahir da praça por diferentes partes todos os soldados que a guarneciam, Viriato quiz suster os Romanos, e quando conheceu que a praça estava evacuada e os Lusitanos a salvo, começou a mover-se contra os Romanos. O Pretor ardendo em cholera procurou fazer na gente de cavallo o que não tinha sido feito com os infantés. A estratégia do heróe tinha tão bem ordenada que Vetilio vacillou-se mandaria em perseguição d'aquelles. Mas as difficuldades eram extremas, porque só os Luzitanos sabiam marchar pelas asperezas e caminhos obstruidos que atravessavam esta parte da Hespanha. Viriato conservou-se dous dias em frente dos Romanos, contentando-se com uma deffensiva pouco hostil, mas nem por isso deixou de mostrar-lhes que em caso de ataque decisivo elle o accetaria, tendo apenas mil ginetes. O Pretor não descançava. Furioso com o máo exito d'aquelle dia mandou cercar Viriato. Este foi pouco a pouco melhorando de terrenos, e quando os Romanos pensavam te-lo seguro, já elle marchava em direcção a Fribola, para onde havia mandado o seu exercito.

Elle houve-se nesta jornada com tanta destreza que os seus inimigos não conseguiram apanhar-lhe um só soldado. Em pouco tempo a nova desta acção de Viriato se espalhou por toda a Lusitana. Seu nome era acolhido com enthusiasmas acclamações, e nova gente se vinha offerecer por partilhar com elle a morte ou a gloria!

(*Continúa.*)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação.*)

Carlos comprehendeu que era necessario uma explicação que servisse quando o menos para instruir-o da conducta que tinha a observar respeito a Adelaide. Sentou-se pois em frente d'esta, e fez signal de que escutava.

A franceza proseguio, depois de ter lançado ao

mancebo um olhar de ineffavel doçura: O meu passado é o passado de uma mulher que se apresentou no meio da sociedade da epocha adornada do fastigio de uma belleza pouco commum. A' minha passagem pelo meio das vastas alas formadas para me receberem, ouvi tantos complimentos lisongeiros quantas eram as pessoas que as compunham. Para uma joven que sahira do convento á oito dias esse rumor vago de saudações, esse enthusiasmo de impressões devia produzir seu effeito.

Assim aconteceu. Pensei que estas demonstrações lisongeiros me eram devidas. Em pouco tempo a vaidade penetrou em meu coração, e comeci a crer que podia exigir tudo d'essa sociedade, identificando-me n'esse ruido extranho, que desconhecera até ahi.

De tal maneira o fiz que dous mezes depois era a rainha dos salões aristocratas do *sau-bourg Saint Germain*. Meu pai tinha um rendimento de trinta mil francos pouco mais ou menos. Em Pariz esta fortuna é bastante mediocre, se attendermos a que viviamos rodeados d'esse fausto e grandeza propria das fortunas collossaes.

Filha unica o meu dote podia satisfazer a ambição dos muitos mancebos que me faziam a corte; meu pai porém que respeitava muito as *conveniências* obrigou-me a dar um não formal a todos aquelles que aspirassem á minha mão sem uma fortuna equivalente á sua. Felizmente o meu coração não batia ainda por esse doce sentimento que se chama amor, por isso de pouca valia era a observação de meu pai. Um dia, após algumas horas passadas a fazer uma suscinta resenha dos meus adoradores, recebi d'este uma noticia que me surpreendeu um tanto pela prestesa com que se terminára uma questão em que infallivelmente teria de tomar parte. Estava pedida em casamento, e meu pai, que não ignorava a minha isempção, dera o sim positivo.

Era isto que elle me participava com a sua volubilidade costumada, acrescentando que em oito dias se effectuaria esse casamento. Quem é o noivo? perguntei. *Mr. de Walmart*.

Casamento de conveniencia, tornei eu com uma especie de desdem; não importa, *Mr. de Walmart* agrada-me. Entretanto era um homem de 45 annos, e dotado de uma d'essas physionomias que não podem já mais inspirar sympathias. Já vedes Sr. Carlos, que a minha educação completára-se demasiado no meio das saudações com que me acolheram á minha entrada n'esse mundo elegante. Fez-se o casamento; agora o resto é tão extraordinario, apresenta-se revestido de taes circumstancias, que parecerá inverosimil. Mas eu lhe peço, acredite-me porque isto é uma confissão.

Mr. de Walmart era Secretario de Embaixada em um dos pequenos Estados do Norte. Nô mes-

mo dia do nosso casamento, e na occasião em que os convidados enchiam os salões de nossa casa, recebeu meu marido ordem de partir *incontinenti* para a Belgica, no caracter de *Enviado extraordinario*.

Era forçoso obedecer, a pessoa portadora da ordem esperava meu marido dentro de uma caruagem de posta, que os devia conduzir á *Bruxellas*. Elle aproximou-se de mim, disse-me que o desculpasse com os convidados, e beijando-me na testa partio para a commissão de que o encarregavam. Para que o Sr. não pense que invento algum conto romantico, disse a franceza levantando-se, vou mostrar-lhe a prova do que vae ouvir. Adelaide abriu a gaveta de um tocador, e tirou d'ella algumas cartas. Oito dias depois, continuou, sentando-se de novo, recebia esta carta.

Madame.

Tenho o sentimento de annunciar-lhe que seu esposo foi hontem morto em um duello. A causa d'elle, e o mais que occorreu sabel'o-ha e pelo portador, por quem ouvio os meus respeitosos cumprimentos.

Seu Criado etc. etc.

Visconde Alfredo de Velliérs.

Bruxellas 23 d'Agosto de 184....

Ajuize do meu espanto Sr. Carlos! achava-me viuva sem ter sido casada, posso assim dizel-o. Soube que a causa deste duello foram discussões politicas, como tambem me participavam que meu marido me instituiria sua herdeira. Eu o confesso, Sr. o tragico fim de meu marido não me causou a menor impressão. Era livre, rica, a minha fortuna punha-me independente de meu pai, que mais podia desejar?

Os pedidos para casamento reproduziram-se todos os dias; despedi todos os pretendentes, e aborrecida da vivenda Pariziense fui viajar. Percorri a Italia, a Allemanha, passei á Inglaterra, e após de uma demora de dous annos regresssei a Pariz. Pouco tempo depois falleceu meu pai. O desejo de viagens tornou a perseguir-me. Deixei de novo a França resolvida a não voltar mais a ella. Os acontecimentos que tenho narrado predispunham muito para esta resolução.

Dirigi-me á Hespanha, essa terra de *screnatas* e corridas de touros. Admirei Sevilha, Cordova, Toledo, percorri as cidades principaes, e uma agradável impressão me forçava a preferir a Hespanha a outro qualquer paiz. A volubilidade, segundo o que os homens dizem, é o principal defeito das mulheres.

Pela minha parte confesso que é verdade; assim aborreci-me em pouco tempo da terra do

Cid, e *dom Quichote*, e parti para Lisboa. Demorei-me n'esta capital um anno, no fim do qual cahi gravemente enferma. Aos ternos cuidados de uma velha que habitava comigo, junto aos esforços de um joven medico, do qual ainda hoje me recordo saudosa, devi, quatro mezes depois, o meu completo restabelecimento.

O medico recommendou-me os ares das montanhas; sahi de Lisboa, e depois de habitar algum tempo em Coimbra, continuei nas minhas viagens pelas provincias mais proximas.

O meu silencio respeito aos sentimentos do coração deve sorprendel-o bastante; é forçoso porém que lhe diga: nunca me deixei dominar por homem algum. Acolhia-os com distincção, comprazia-me em dar esperanças aos mais ousados, porém amor nenhum me inspirou. A excepção do medico em que fallei não senti por um homem qualquer essa scentelha intima que atéa em nós o fogo das paixões. Eu continuava a ser a joven do claustro, com a differença de que a sociedade em que vivera por tantos annos se encarregára de corromper-me o espirito, e direi mais, parte do coração. Comprehendia os gozos materiaes da vida sem ter desejos de os experimentar; achava até prazer em considerar-me donzella, eu que podia zombar a meu bel prazer das conveniencias, eu que tinha ampla liberdade para embrenhar-me n'esse immenso labyrintho a que se chama mundo!... Carlos escutava Adelaide com uma attenção mais que respeitosa, mas quando ella chegou aqui não pode impedir de sorrir-se ironicamente, olhando-a quasi que com desprezo. Ella, pensava o mancebo, ella conservar-se tanto tempo pura!... oh! esta mulher é uma hypocrita, que zomba de mim!... A franceza traduzio esse sorriso, e empallideceu. Duvidava-se da sua confissão; aos olhos de Carlos ella nada mais era que a cortezã corrompida e insultada com o nome de *barregã* na matta do coronel Fonseca. Sr. Carlos, proseguio Adelaide com voz solemne, mate-me Deus n'este instante se hei faltado á verdade!

A calumnia é uma terrivel arma; disseram-lhe que eu não passava de uma cortezã que vende seus sorrisos a peso do ouro, e o Sr. acreditou essas informações. Pela memoria sagrada de minha mãe, juro-lhe que estou pura, juro-lhe que não tenho em miuha vida uma só falta que possa tornar-me a mulher que lhe descreveram! Peza-me, sim, ter tão joven perdido essa pureza de coração e de espirito, mais preciosa que aquella; peza-me de não poder apresentar-me adornada d'essa auréola brilhante que adorna a mulher n'essa idade em que seu coração é um manancial inexgotavel de ingenuidade e pudor! As faltas de que me accusei no principio da minha narração são estas, o meu passado nada mais

tem de notável, faço uma confissão e apresento-me como sahi do meio da sociedade faustosa do mundo elegante... Se houver um só homem que se vanglorie de ter recebido de mim mais que alguns sorrisos de cumprimento — esse homem é um infame — um calumniador!...

Lourenço?... Lourenço não pôde dizer nada em opposição a estas verdades, interrogue-o em minha presença, e convencer-se-ha de que lhe mereço mais algum conceito.

(Continua.)

Um passeio de estudante.

Fatigados os laboriosos, dos trabalhos do dia e dos estudos; os vadios, de papar moscas, entregamo-nos em corpo e alma a Morpheu na noite de sabbado 27 do proximo passado, concebendo anticipadamente a folga do domingo immediato, que, apesar de não ser dia de *sahida*, muito nos devia aprazer. — Depois de longas horas de conferencia com os nossos travesseiros, raiou para nós o feliz domingo, tão bello e tão fagueiro, que enchia de jubilo os nossos corações, nos fazia saltar, e nos tornava sobremaneira falladores; contra o nosso bom costume. — Uma vez vestidos e prompts, esperavamos com impaciencia febril a ordem de (*marcha*), sem nos lembrarmos do nosso almoço, que do fundo do refeitório já nos accusava de injustiça; mas não foi duradoura essa impaciencia, por quanto uma sineta, que bem depressa nos fez ouvir seus sons vibrantes, nos tirou do olvido em que elle estava.

Depois de mandar para a barriga. (com uma presteza que mui bem compensava o nosso primeiro esquecimento,) a comida que achamos diante de nós, partimos a dous do fundo, desfilando por essas ruas como um batalhão de fuzileiros; fomos dar com o costado na igreja da Ajuda da qual sahimos depois de terminada a missa. — Posemo-nos de novo em marcha; conjecturando para onde nos dirigiriamos; mas apenas tinha-mos chegado ao meio do caminho, quando voltou á esquerda o nosso batalhão, e em poucos minutos achamos-nos no meio do *do passeio Publico*, aonde estivemos por muito tempo vagando sem direcção por suas ruas, mas não havia lá grande concorrência, o que aliás não permittia a hora, pois ainda não era meio dia.

Acabadas as nossas excursões de norte ao sul, de leste a oeste, voltamos para casa, aonde nos esperava o jantar.

Tendo feito mui consciosamente a nossa soffrivel entrada pelos pratos bem recheados de varias iguarias que nos apresentaram, tomamos sempre a dous do fundo, o caminho do

Sacco do Alferes. — A minha tenção não é relatar tudo o que nos aconteceu durante a marcha, não, tenho pressa de chegar lá. — Uma vez chegados á ponte do *Sacco*, fomos immediatamente cercados por um numeroso concurso de catraeiros, os quaes, em menos tempo do que levo a descrevel-o, fizeram coalhar o mar ao redor da ponte, de uma infinidade de catraias, botes, fáluas, etc., etc. não sei como não nos offereceram também jangadas!...

A bondade do nosso digno director, que nos acompanhava, facultou-nos o ingresso em cinco botes dos melhores que lá vimos.

Os meus collegas pressurosos saltaram aos botes, mas não tão depressa como queriam, pois descjavam azas para voarem com mais ligeireza. — Eu, como mais vagaroso, achei um bom lugar na prôa, aonde me sentei; mas não se persuadam os leitores que era eu a figura da prôa, não, porquanto, um meu collega ainda mais vagaroso, vinha sentado sobre o bêque da prôa, que gosto!... Em fim bem ou mal sempre nós aranjamos, como podemos, e tudo disposto, fez-se á vela a nosso pequena frota, quero dizer, principiaram a remar os catraeiros. — Foi longo o nosso trajecto, durante o qual, cruzavam em varias direcções, diversos botes, baleeiras etc., uns vasos outros carregados, e todos faziam continencia e arreavam bandeira diante de nossa respeitavel frota!!

Depois de uma feliz derrota chegamos finalmente ao termo de nossa viagem, achando-nos, não sei como, na ponte das barcas em S. Christovam, aonde havia a festa de Nossa Senhora do Socorro. — Eis-nos a explorar todos os cantos e recantos de S. Christovão, apenas interrompidos pela demora que de nós exigiam os acordes melódicos dos clarins, rebecas e violões, que, de espaço a espaço, nos faziam ouvir seus encantadores sons. — Não cessamos as nossas correrias e explorações, senão quando fomos avizados que nos fossemos: immediatamente entrou tudo em linha e d'ahi a pouco a voz de (*marcha*) nos tirou a immobilitade em que estavamos. — D'esta vez não fomos embarcar, mas deviamos vir por terra, resignamo-nos pois com a nossa sorte e principiámos a monobrar mui admiravelmente e a marchar com toda a precisão possível. — Depois de termos marchado, marchado e marchado, sentimo-nos mui fatigados e de tal sorte, que para podermos chegar a casa, entramos na marcha dos batalhões da guarda nacional da roça. — Atravessamos pontes, passamos por montes, valles, rios, pantanos, e toda essa enfiada de ruas, cada vez mais cançados, e ardentemente desejando chegar a casa; cumpriu-se por fim o nosso desejo e em breve comparecemos perante a cea que rápidaente desappareceu de cima da mesa.

Tendo nós descansado um tanto da massada

quetivemos fomos pela segunda vez da minha narração, visitar Morpheu, que prestes nos recebeu com todo agrado, mas ao raiar de segunda feira apressou-se em nos desamparar, abrindo outra vez o curso de nossos trabalhos e deixando-nos cheios de saudades do domingo e com a maior esperança de que não ha somente um domingo.

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

O Dominó Encarnado.

POR

XAVIER DE MONTEPIN.

Traduzido

POR

D. A. MACIEL DO AMARAL.

Já por de sobre os acontecimentos que vamos narrar, não decorrido dous seculos e meio, e todavia a sua recordação ainda é vivace em innumeradas pessoas de Veneza, e os bardos do Lido acercados de myriadas d'ociosos e Lazzaroni encenam cada noute, como thema favorito de seus decantantes, o drama sinistro que passamos a esboçar.

Veneza em 1650, era uma republica florescente, se é que este termo, que se toma por synonymo de liberdade, ou antes de licença, pode ter applicação a um Estado, cujos habitantes eram escravos desde o berço até ao tumulo.

O temor era geral, porque geral era tambem a delação, e esta significava a morte ou o captivo em Plombs. O pai tinha apprehensões do filho, o marido tremia em presença da esposa, o irmão suspeitava do irmão! E nem eram hyperbolicos estes receios, pois que espiões desconhecidos, a soldo do conselho dos Dez, devassavam os penetraes de todas as familias.

Quem visse este pavôr geral, supporia que cada individuo entregue ao egoísmo e abraçando em seu odio como em sua desconfiança, a comunidade, era extrinseco a odios perseverantes e individuaes.

Enganar-se-hia.

As maldições do povo pairavam sobre as cabeças de homens de fortuna e categoria dissimilhanes. Um destes dous era Camillo Cavalcanti, nobre Veneziano. O outro, Beppo Conti, a quem a aureola sanguinolenta de seu punhal havia grangeado o appellido de *Mammone* (demonio) era um famoso *bravo*. Camillo podia passar por um cavalleiro encantador; tinha vinte e cinco annos, alto, delgado e louro. Ninguem o sobrelevava na elegancia com que vestia seu gibão de veludo de mangas compridas e abertas, penden-

tes, por detraz do braço, nem alguém, como elle tinha ademans mais galhardos, nem mais de fidalgo. Tudo finalmente em seu exterior seduzia, tudo, até a expressão franca e expansiva de sua physionomia.

Do mesmo modo, porém, que a mancenilheira esconde o veneno sob uma apparencia por de mais attrahente, assim o exterior agradavel de Camillo mascarava um coração embotado, uma alma corrompida, chafurdada em todos os vicios, na devassidão, na perfidia, na baixeza, na perversidade, e até na cobardia; porque Camillo era cobarde, apézar da coragem ser tão trivial em Veneza, que mal se lhe concediam os foros de virtude.

Cavalcanti estava ligado pelos vinculos da familia ás casas mais poderosas da republica. Conztava um d'oge no numero de seus antepassados e o actual era igualmente seu parente. Seu pai, morto havia annos, tinha-lhe legado uma immensa fortuna, a qual, apenas emancipado, derreteu rapidamente ao fogo de suas satanicas paixões. Com uma parte desse ouro cevou elle a avides insaciavel da lubricidade, com a outra as profusões das orgias, os prejuizos do jogo, as punhaladas dos bravos e mil outras extravagancias d'um luxo insolente e real. Na epocha, em que começa esta historia, Camillo estava completamente arruinado, não obstante, elle esperava reconstruir o edificio desmoronado de sua fortuna, desposando alguma rica herdêira que se deixasse seduzir pela ebria de sua elegante figura e suas nobres maneiras. Por precaução, havia já cançado suas vistas sobre a bella joven Helena Formasari.

Agora, pois que temos esboçado ligeiramente os traços principaes do character detestavel de Camillo, occupemos-nos do homem que designamos como seu rival no odio publico. Todas as noutes por este tempo, na hora em que o sol acabava de descambar por detraz dos pincares dos Alpes Tyrolianos, um homem de estatura meiã, sahia a passos lentos da praça de S. Marcos, penetrava por um dos caés, parava no vestibulo do pateo, que conduz ao interior do palacio pela escada dos Gigantes, sobre que rolou a cabeça de Faliero, e ali recostado a uma pilastra esculpida, passava horas esquecidas n'um estado de perfeita immobibilidade.

Parecia ter pouco mais ou menos 30 annos d'idade. Suas feições nobres e regulares, porém, bastante morenas expandiam a resolução e a energia. Seu exterior nada tinha de extraordinario, entretanto, apenas elle se approximava, o povo abria caminho e se afastava como ante um empestado, e o caes ficava deserto, logo que elle se postava perto da entrada do palacio. Os galhoeiros improvisados, os cidadãos, soldados delmatas, os marinheiros das galeras, os frades,

os judeus do Rialto, as damas da cidade, e as mulheres de costumes frívolos, afastaram-se igualmente n'um instante, estes lugares cheios de tumulto eram dominados por um silencio tumular.

De quando em vez, cavalheiros embuçados, e e trazendo por acrescimo de segurança uma meia máscara de veludo preto, approximavam-se silenciosamente deste desconhecido, segredavam-lhe, faziam passar ás suas mãos uma bolsa recheiada de ouro e retiravam-se olhando em torno se alguém os espiava e os reconhecia.

No dia immediato achavam-se cadaveres, fluctuando nas lagunas. Todos traziam o signal bem conhecido de um punhal triangular e os pescadores diziam uns aos outros. — *Il Mammone* ganhô dinheiro esta noute!

E' que effectivamente o incognito da ponte dos Suspiros, era Renzo Mammone o bravo!

(*Continúa*).

POESIAS.

Estamos pagos.

Não me falles, teus protestos
De que valem, se doestos
Tenho hoje por preceitos?
Os sorrisos são fingidos
De teus labios os pedidos
Bem os tornam contrafeitos

Não me falles, vãs escusas
Para que? tu me recusas
A verdade confessar;
A sentença esta lavrada
Vejo-t'a na frente estampada...
A que vem o teu fallar?

Não me falles, a verdade
Eu a sei, e saudade
Não me resta, oh! que não!
Se no prisma enganador
Vi brilhar o teu amor
Sacrificio-o sem paixão.

O que resta é uma lembrança...
Nem se quer a doce esperança
Me acalenta o coração;

Tenho visto juramentos
Prejurados, sentimentos,
Esquecidos já estão

Não insistas, no passado
Ha um dia decantado
Que esquecel'o saberei;
Eis-nos pagos; perjurastes
Esse dia recordastes
Nada devo, perjurei

Não me falles, tua estrella
Já se esconde, foi mui bella,
Já brilhou no horizonte;
Vem os annos; porque esperas
Que essa estrella que veneras
Como foi, p'ra ti desponte?

Adeus pois, estamos pagos
Para mim esses affagos
O que dizem, que serão?
Não te importe o meu futuro,
A verdade é o teu perjuro
Tenho-a aqui... no coração...

Santa Thereza, Setembro 20 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Gabriella.

A belleza decantada
D'aurora, estrellas é nada
A par d'ella;
Com graça maga ou divina
Todos encanta e domina
Gabriella.

O fim da tarde serena,
Que pranteia a brisa amena,
Não revela
Mysterio que tenha doçura
A quem vê rir com brandura
Gabriella.

Se em noutes d'Abril florido
Ergue o seu hymno sentido
Philomela

Não chega ao ai solto ao vento
Que arrancou d'um *pensamento*
Gabriella.

Perfumes da violeta
Que tão occulta vegeta,
Tão singela
Não val o aroma qu'exala
Dos rubros labios, se falla
Gabriella.

Symbolos d'antiguidade
Ou sejam flores ou deidade
Casta e bella,
Tudo que ha de bom na terra
Nobre, puro, bello encerra
Gabriella.

S. Paulo, Julho 1853.

J. C. L.

Suspiros.

Oh! quanto eu não daria, Elisa bella,
Por um suspiro teu,
Se ao soltar o suspiro, teu amor
Fosse sómente meu.

Oh! quanto eu gostaria Elisa bella,
De te ver suspirar
Se tu entre suspiros me disseras,
Só a ti heide amar.

Quanto seria feliz,
Quanto seria ditoso,
Se fossem meus os suspiros
D'esse teu peito mimoso

Mas ah!.. sou tão desgraçado,
E' tal'o meu scffrimento,
Que mesmo pensando em ti
Solto suspiros ao vento

São tristes os meus suspiros,
Por que me fazes soffrer?!..
Pois que amar sem ser amado
E' cruel — antes morrer!

BELMIRO

AO MEU AMIGO

JOSÉ ANTONIO DOS SANTOS CORTIÇO.

Ha tempo lançaste em meu peito o primeiro
Sentir verdadeiro—de pura amizade!
Agora quem hade, conter-me a alegria
Que já não cabia no peito; -- quem hade?

Tu só meu amigo serás o sacrario
Sincero, não vario, de eterno querer!
Em quanto viver eu serei teu amigo
No gosto, perigo — desgraça e prazer!

Nessa alma bem dita que Deos caridoso
Fadára bondoso — de feitos só nobres...
Amparo dos pobres... altiva nobreza...
Divina pureza... com gloria te cobres!

Ao ver-te sereno de rosto, cuidando
Na virgem, luctando c'o a morte impiedosa,
Notára saudosa, tua alma, que estava
Que la suffocava martyrios da *rosa*!

Quem tanto, qual tu já fizera inspirado,
Por bem do — coitado que deve morrer?!
Quem tanto, qual tu d'alma nobre senhor
Por bem, sem amor, te imitára fazer?

Ensinas a todos que podem, sem teres,
Os santos deveres de Ceos, caridade
Com outros mais pobres usarem na vida,
De penas seguida, de dôr, orphandade!

Na terra — Cortiço — fiquei, para sempre
De prompto contente, teus feitos cantar
No Ceo aquelle anjo... subido, d'onde hade
De Ceos a bondade te desça, rogar!

A minha corôa é de lourós tecida
Gerada, nascida no peito de amigo,
Agora te dada, que foges de mim,
Os dias que emfim, nas saudades te sigo!

Setembro 30 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

Amizade

NO ALBUM DO MEU AMIGO, ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Quizera ter uma lyra
Uma lyra sem rival,
Que se alguém um som ouvira,
Julgasse um som divinal;
Poeta ser, e na terra,
O fel amargo que encerra,
Meus labios nunca libar,
Ter sempre alegre vivo,
O peito jamais tranzido
De dôr cruel, de matar.

Viria então no teu livro
Depositar a canção,
Do sentimento mais vivo
Que possue meu coração,
Seria um canto d'amizade,
Dessa tão sancta deidade
A poucos dado entender,
Do pensamento á grandeza
Eu juntaria a belleza,
De meus versos ao fazer.

Do pobre e triste proscripto
Chorando a terra natal,
Nascida no peito afflicto
Essa amizade leal,
Sem estro, sem harmonia
Falto de toda a poesia,
Abranje acaso valor?...
Do que serve reseguida
Mirrada no chão caida,
Uma innocente flôr. ? ! .

Inda assim tenho vontade
De nesta folha ofertar
Minha sincera amizade,
Porque mais não posso dar,
E como não sou poeta,
E tenho a mente deserta

De feliz inspiração,
Só posso vibrar na lyra
Rude canto que sentira
Nascer neste coração.

Rio, 22 de Setembro de 1856.

MANGEL ALVES V. P. CASAL.

Desalento.

Eu não quero tanger mais a lyra
Em que amores outr'ora cantei....
Eu não quero poisar mais a vista
N'esses cantos que della arranquei !...

Eu não quero em memoria esse tempo
Que d'amores vivi illudido....
Eu não quero que viva na mente
A cruel que o amor há trahido !...

Eu não quero d'amor em minh'alma
Essas chammas ardendo sentir....
Eu não quero já mais sobre a terra
De ninguem os carinhos fruir !...

Eu não quero que nestes meus labios
Um sorriso me venha pairar....
Eu não quero oh ! não quero do mundo
Gozos futeis já mais disfrutar !...

Eu não quero manter mais a esp'rança
Com que louco té qui hei vivido....
Eu só quero fugir aos enganos
Deste mundo fallaz e mentido !...

Eu só quero viver em silencio,
Longe, ás vistas do mundo fugir!...
Eu só quero..... mas ai! nada posso!
E' forçoso meu fado cumprir !!!

Setembro de 1856,

JOÃO DANTAS DE SOUSA.